

APROXIMAÇÕES LÍRICO- SIMBÓLICAS ENTRE O CORVO E O MORCEGO

Christina Ramalho¹

Ivanildo Araujo Nunes²

Resumo:

Estudo dos poemas “O corvo”, de Edgar Allan Poe, e “O morcego”, de Augusto dos Anjos, com vistas a propor uma reflexão sobre as semelhanças entre as imagens mítico-simbólicas do corvo e do morcego, cujas inserções no repertório da simbologia animal são sustentadas por diferentes fontes mitocríticas, tais como Jack Tresidder e Jean-Paul Ronecker, para, em seguida, ler os poemas crítica e comparativamente, ressaltando as marcas da linguagem poética e narrativa de cada um e o investimento lírico-simbólico de viés psicológico de ambos diante de um cenário de horror e de inexorabilidade, que, nos dois casos, dá sustentação à composição de um campo semântico em que os animais em foco materializam o sentimento humano diante da morte e diante de si mesmo. Também serão apontadas algumas diferenças relacionadas aos recursos líricos de que Poe e Anjos fizeram uso para compor o diálogo entre o ser humano e essas duas imagens sombrias, com destaque para a relação eu-outro que nos dois poemas se estabelece.

Palavras-chave: Simbolismo animal. Lirismo psicológico. Século XIX.

LYRICAL-SYMBOLIC APPROACHES BETWEEN THE CROW AND THE BAT

Abstract:

Study of the poems “The raven”, by Edgar Allan Poe, and “O morcego”, by Augusto dos Anjos, in order to propose a reflection on the similarities between

1- Doutora em Letras (UFRJ, 2004), com Pós-Doutorado em Estudos Cabo-Verdianos (USP/FAPESP, 2012), em Estudos Épicos (Université Clermont-Auvergne, 2017) e em Historiografia Épica (Universidad de Buenos Aires, 2022). Professora-Associada da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: ramalhochris@hotmail.com

2- Doutorando em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. Mestre em Cinema e Narrativas Sociais/PPGCINE pela UFS, Pós Graduado em Gestão Escolar (FSLF) e Especialista em LIBRAS (UCAM). Professor da Universidade Tirantes. E-mail: hd_ivan@hotmail.com.

the mythical-symbolic images of the crow and the bat, whose insertions in the repertoire of symbology animal are supported by different myth-critical sources, such as Jack Tresidder and Jean-Paul Ronecker, to then read the poems critically and comparatively, highlighting the marks of the poetic and narrative language of each one and the lyrical-symbolic investment of psychological bias of both facing a scenario of horror and inexorability, which, in both cases, supports the composition of a semantic field in which the animals in focus materialize the human feeling in the face of death and before oneself. Some differences related to the lyrical resources that Poe and Anjos used to compose the dialogue between the human being and these two dark images will also be pointed out, highlighting the self-other relationship that is established in the two poems.

Keywords: Animal symbolism. Psychological lyricism. XIX century.

Introdução

O voo dos pássaros predispunha-os naturalmente a encarnarem as relações entre o céu e a terra. Muitas vezes desempenham também o papel de mensageiros e intermediários entre o mundo material do gênero humano e o outro mundo.

(RONECKER, 1997, p. 85)

Este estudo, tomando como corpus “O corvo”, poema-narrativo de Edgar Allan Poe, poeta estadunidense do século XIX, “O morcego”, soneto do poeta brasileiro e paraibano Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos, busca abrir asas para voar junto com as duas imagens míticas trabalhadas nesses poemas e diretamente anunciadas por seus títulos: o pássaro corvo e o mamífero voador morcego. Nosso voo terá como principal objetivo refletir sobre as afinidades simbólicas entre as duas imagens, a partir de diferentes fontes mitocríticas e revelar semelhanças entre os dois poemas, cujas marcas da linguagem poética revelam que o investimento lírico-simbólico dialoga com reverberações de viés psicológico diante de um cenário de horror e de revelação.

Inicialmente, trataremos a visão crítica de estudiosos de mitologia – Jack Tresidder, Jean-Paul Ronecker, Mark O’Connell, Maurice Van Woensel e Raje Airey – sobre a simbologia do corvo e do morcego, de modo a identificar traços comuns aos dois, no que se refere à incontestável relação de ambos, dentro do imaginário mítico-simbólico, com aspectos sombrios da experiência humano-existencial e com a morte.

Em seguida, trataremos individualmente dos poemas, destacando neles alguns aspectos estruturais e semânticos, para, finalmente, estabelecermos os pontos de contato que anunciam as semelhanças que observamos, além de demarcarmos algumas diferenças no modo como as duas imagens são inseridas no espaço da reflexão lírica sobre a experiência humano-existencial ou, mais especificamente, sobre dois momentos definidores dos limites da vida humana: a consciência de si e a morte.

Cabe lembrar, ainda nesta introdução, que Edgar Allan Poe, nascido em 1809 e falecido em 1849, trouxe, segundo Franklin Fisher, a ficção psicológica das leituras do goticismo germânico (FISCHER, 2004, p.78) e possivelmente foi leitor de Horace Walpole, E. T. A. Hoffman e Bram Stoker. Já o poeta Augusto dos Anjos, nascido em 1884 e falecido em 1914, na esteira cronológica faz-se herdeiro de Poe, tendo assimilado a literatura poeana, bem como o conteúdo filosófico-científico de sua época, como Darwin, Herbert Spencer, Schopenhauer, Ernst Haeckel entre outros. Estética e conceitualmente, portanto, temos dois autores distanciados temporalmente, ainda que possam ser aproximados a partir de alguns referentes em comum. É o que aqui fazemos.

O corvo, o morcego e o simbolismo animal

Para abordar a simbologia do corvo e do morcego, iniciamos com uma importante colocação de Ronecker: “O simbolismo animal reflete não os animais, mas a ideia que o homem tem deles e, talvez definitivamente, a ideia que tem de si próprio” (RONECKER, 1997, p. 14). A partir dessa constatação, o mitólogo explica: “Está na natureza do ser humano projetar seus temores e seus fantasmas em outro, como se isso lhe permitisse desembaraçar-se deles ou, ao menos, aceitá-los, nomeando e identificando-os. (RONECKER, 1997, p. 44). Concordando com Ronecker, entendemos, desde o princípio, que tanto o corvo quanto o morcego, como símbolos, respondem por angústias e questionamentos humanos quando são figurativamente tomados como referentes da própria experiência humano-existencial. Logo, mais que seus respectivos valores simbólicos, é fundamental observar o uso que se faz de suas imagens no âmbito da criação literária, tal como ocorre nos poemas.

Histórica e teoricamente, “já em Aristóteles se reconhecem as motivações que levaram os seres humanos a buscar, na relação com o mundo animal, explicações e sentidos para a própria existência e para uma melhor compreensão da natureza (RAMALHO, 2013, p. 51). Um signo concreto da relevância dessa presença são os bestiários. Vejamos:

[...] da obra *Historia animalium*, do estagirita a outras, como *Historia naturalis*, de Plínio, o Velho (23-79 d.C.); *De animalium natura*, de Claudius Eliano (170-235 d.C.); o livro XII (*De animabilibus*) de *Etymologiae*, do bispo espanhol Santo Isidoro de Sevilha (636 d.C.); *De rerum naturis*, de Rabano Mauro (856 d.C.); *De bestiis et aliis rebus* (século XII); *LBestiaires d'amour*, de Richard de Fournival (século XII); *Bestiaire d'amours rimé* (poeta anônimo, século XII/XIV); *Carmina Burana* (século XIII); *Bestiário engubino* (século XIII) e os bestiários impressos que começaram a circular no século XV, foi se consolidando a prática da composição de obras que, ora dialogando com os valores dos bestiários religiosos impregnados pelo fantástico, ora remontando aos bestiários de natureza mais cientificista, perpetuaram a utilização literária dos animais como fontes de reflexão sobre diversos aspectos envolvidos na experiência humano-existencial (RAMALHO, 2013, p. 51-52).

Há inúmeras publicações sobre o tema, incluindo formas modernas e contemporâneas de trazer a presença animal para o âmbito da existência humana. Brenda Mallon, por exemplo, fala sobre as “feras heráldicas” presentes em escudos, brasões e estandartes: “Um terço de todos os brasões mostrava um animal, como seu guardião ou protetor, cada qual com seu próprio significado” (MALLON, 2009, p. 202). Se nós nos voltamos para o Brasil do século XX, logo nos recordaremos da *Arca de Noé* (1978), de Vinicius de Moraes, os de *Os saltimbanco*s (1977), versão em português de Chico Buarque (em parceria com Sergio Bardotti e Luis Enríquez Bacalov) para a obra italiana *I Musicanti* (1976), de Ricchi e Poveri.

No entanto, no caso deste estudo, interessam os animais cuja associação simbólica se vincula aos aspectos sombrios e, por assim dizer, “negativos” da experiência humana de vida e morte. Corvos e morcegos, sem dúvida, estão no rol desses “animais sombrios”, de que fazem parte, pelo menos na maioria das vezes, as serpentes e as corujas, só para citar mais dois exemplos. Mas terá sido sempre assim em relação aos corvos?

Para responder a essa questão, Ronecker, mais uma vez, nos auxilia, ao caracterizar o simbolismo do corvo, mostrando que a associação dessa ave com o sombrio é recente:

O simbolismo negativo e lúgubre desse pássaro caro aos românticos parece bastante recente e diz respeito quase exclusivamente à Europa. Encontramo-lo ainda na Índia, onde o *Mahabharata*

compara os mensageiros da morte a corvos, e no Laos, onde a água turvada pelos corvos se torna imprópria para as aspersões rituais. Mas quase em toda arte, do oriente ao Ocidente, o simbolismo do corvo é positivo.

Assim, na China e no Japão. Esse belo pássaro negro é símbolo da gratidão filial. (RONECKER, 1997, p. 125-126)

Ratificando essa visão positiva do corvo, Mark O’Connell e Raje Airey comentam que “Na África, o corvo é um guia e para os nativos americanos, ele é um herói da cultura (O’CONNELL, Mark; AIREY, Raje, 2011, p. 223). O próprio Ronecker ainda informa que, na mitologia escandinava, o deus Odín tinha dois corvos – Hugin e Munin, a Reflexão e a Memória –, que representavam o “princípio da criação” (RONECKER, 1997, p. 126-127); sublinha que, para os celtas, o corvo se associava à profecia; que na Grécia era uma ave consagrada a Apolo; e que o “Grande Corvo”, animal celeste e criador, está associado ao mito da criação dos indígenas *haida* da Colômbia (Ibidem, p. 128-129). A alteração na percepção simbólica do corvo tem, contudo, sua explicação:

A tradição popular francesa conservou do corvo só um simbolismo geralmente pejorativo e muitas vezes ligado à morte. Assim nos Voges, encontrar três corvos em sexta-feira era sinal de luto próximo na família. Na alta Bretanha, deveria haver em breve uma morte na vizinhança da casa em torno da qual houvesse corvos bicando, porque, dizia-se, eles sentem a aproximação da morte (RONECKER, 1997, p. 129).

Para explicar essa mudança de paradigma simbólico, Ronecker faz alusão a J. Chevalier e A. Gheerbrant, para quem a visão positiva dos corvos se relacionava “às crenças dos povos nômades, caçadores e pescadores (RONECKER, 1997, p. 130), sendo, aos poucos, negativada a partir das novas técnicas de sobrevivência humana que estabeleceram a agricultura e a criação de gado como fontes para a geração de alimentos.

Ainda no que se refere à imagem simbólica do corvo, recuperamos as informações trazidas por Jack Tresidder, que destaca a ambivalência dessa imagem:

O simbolismo hebreu também é ambivalente. Como o escaravelho, o corvo era impuro. Era, porém, a ave astuta liberada da arca por

Noé que voou em vaivém até a terra secar. Os corvos também alimentaram Elias e diversos santos eremitas cristãos. Em geral, o corvo é um símbolo solar e oracular, e sua plumagem negra e brilhante talvez sugira a capacidade para sobreviver a uma relação estreita com o Sol (TRESIDDER, 2003, p. 101).

Por fim, citamos Van Woensel, que lembra outro “atributo” do corvo:

Outro verso bíblico diz “O olho que desdenha um pai/ e despreza a obediência à mãe,/ que os corvos o arranquem” (prov 30, 17). Temos aqui a provável origem de outra “natureza” atribuída ao corvo: quando encontra um cadáver, começa furando-lhe os olhos para depois ter acesso ao cérebro. Sua cor preta deve ter ajudado para associar esta ave da família dos corvídeos, comedor de carniça, à morte. O corvo e o abutre são os equivalentes nórdicos de nosso urubu tropical, vilões do reino animal (VAN WOENSEL, 2001, p. 198)

No caso do poema “O corvo”, de Poe, como veremos mais adiante, é inequívoca a relação do corvo com a morte, visto que o poema constrói uma série de relações entre tempo, espaço, acontecimentos e imagens míticas cristãs, como Deus, Éden, anjos e demônios, que conecta o corvo visitante diretamente com o medo, a profecia e a morte. Mas sobre esses aspectos falaremos mais adiante. De toda maneira, cabe, ainda, ressaltar a importância desse poema de Poe como fonte para a perpetuação, através da referenciação e da intertextualidade, da imagem simbólica arquitetada pela própria obra. O corvo *Never More* de Poe, afinal, poderia se chamar *Forever*.

Quanto ao morcego, voltamos a Ronecker para entender as peculiaridades dessa imagem:

Se, entre nós, o morcego é malvisto, por ser associado à noite e às trevas, e também ao mal, o mesmo não se dá no Extremo Oriente, onde é símbolo da felicidade, porque o caráter *louco* que o designa compõe a homofonia com o caráter que significa *felicidade*. Cinco morcegos dispostos em quincôncio representam as “cinco Felicidades”: riqueza, longevidade, tranquilidade, culto da virtude ou saúde e boa morte (RONECKER, 1997, p. 167).

Como, ao tratarmos de “O morcego”, de Augusto dos Anjos, estamos

nos concentrando na recepção dessa imagem no contexto ocidental, é preciso que nos recordemos do que conta Tresidder: “Inimigo da luz – daí considerado por toda parte como animal de medo e superstição, em geral associado à morte, à noite e, na tradição judaico-cristã, a idolatria ou ao satanismo, o morcego também pode significar loucura (TRESIDDER, 2003, p. 229) e também do que descrevem Mark O’Connell e Raje Airey: “Associado à morte, símbolo do medo e da superstição, ligado à bruxaria e ao oculto no folclore ocidental. Na África e na Grécia antiga, era um símbolo de perspicuidade. Pode significar loucura. Divindade do submundo na América Central e na mitologia brasileira” (O’CONNELL, Mark; AIREY, Raje, 2011, p. 248). Diferentemente do corvo, portanto, o morcego, além da morte, também entra no campo semântico da loucura, o que, no poema de Anjos ganha dimensão bem significativa, como veremos.

Quanto à imagem do morcego, temos outra contribuição vem de Van Woensel:

Foi classificado entre as aves e tido por um animal ignóbil. Os bestiários destacam que seu nome latino *vespertilio* se refere ao fato de que só se mexe depois do crepúsculo, *vesper* em latim. Não de admirar que, por ser um notívago, pela sua aparência física esquisita, pelos ambientes sujos e fedorentos onde vive, por ser nem ave, nem mamífero, o morcego foi associado às forças da noite e do mal. Mas destacava-se-lhe como ponto positivo seu espírito de solidariedade, pois acreditava-se que uma colônia de morcegos dorme, todos juntos, pendurados, a cabeça para baixo, feitos um cacho de uvas; quando um deles cai, todos os outros também caem com ele (VAN WOENSEL, 2001, p. 210).

Essa lembrança de Woensel acerca do possível senso de coletividade do morcego, ainda que não se preste à análise que realizamos, corrobora o que esta seção, implicitamente, quer destacar: ainda que, na percepção de nosso tempo, pareçam evidentes as divisões entre os animais cuja simbologia é positiva e aqueles que se relacionam diretamente com os aspectos sombrios da experiência humano-existencial, é preciso ir além das constatações imediatistas e verificar em que medida essa percepção aparentemente tão demarcada e

bipartida pode ser desconstruída ou reconsiderada a partir de outros pontos de vista. Não à toa, temos o “Homem-Morcego” ou *Batman*, criado em 1939 por Bob Crane e Bill Finger, e o corvo “Jubileu”, personagem da turma do Pica-Pau (personagem criado por Walter Lantz em 1940) que adorava pipoca e queria ser dançarino.

Nosso voo, no entanto, tem roteiros bem marcados pelos referentes criados pelos dois poemas em foco: “A corvo”, de Edgar Allan Poe, e “O morcego”, de Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos. Nesses textos, então, buscaremos as conotações que, respectivamente, esses dois animais receberam, sublinhando, principalmente, as derivações do encontro de sujeitos líricos com o sombrio “outro”, representado, respectivamente, pelo corvo “Nunca Mais” e pelo morcego “Consciência Humana”. “Batizados”, portanto, conheceremos um corvo e um morcego bem peculiares.

“O corvo”

Edgar Allan Poe (1809 -1849) dispensa qualquer apresentação. Seus livros até hoje são reeditados e traduzidos para vários países, além de terem sido adaptados para rádio, TV, cinema, teatro e etc. Poe é geralmente associado ao gênero terror, mas os ávidos leitores dele sabem que sua obra não se limita apenas a essa categoria. Obras como *Filosofia da composição* (1846) e *Eureka* (1848) tratam de discussões filosóficas e de composições literárias. *A Narrativa de Arthur Gordon Pym* (1848), por sua vez, mostra seu valor como romancista. No âmbito do conto, críticos apontam que os seus influenciaram autores como Júlio Verne, Sir Arthur Conan Doyle, H. P. Lovecraft, entre outros.

Na época das primeiras publicações dos livros de Allan Poe, seus contos eram criticamente associados a obras do Romantismo, o que levava à falsa ideia de que a estética de sua obra era obsoleta. Em contrapartida, sua produção começou a interessar grandemente quem buscava temas psicológicos, sombrios e supranaturais. O poema que traz todas essas características é “O corvo” (“*The raven*”, 1845), poema-narrativo composto por 18 estrofes³, cada uma com 10 versos, somando ao todo 180 versos. A obra recebeu traduções de grandes escritores, como Charles Baudelaire (1856), Stéphane Mallarmé (1875), Machado de Assis (1883), Ernesto Ragazzoni (1896) e Fernando Pessoa (1924), entre outros.

Dada a grande extensão do poema, apresentaremos na íntegra, para

3- Tal descrição refere-se à tradução machadiana de 1883.

este estudo, três estrofes: a primeira, que introduz o poema; a sétima, na qual o corvo surge; e a décima oitava, o desfecho do poema. A versão aqui utilizada está na edição feita pela UFSC, organizada por Daniel Serravalle de Sá, com a tradução de Machado de Assis atualizada. Vejamos as estrofes selecionadas:

I

Em certo dia, à hora, à hora
da meia-noite que apavora.
Eu, caindo de sono e exausto de fadiga,
ao pé de muita lauda antiga,
de uma velha doutrina, agora morta,
ia pensando, quando ouvi à porta
do meu quarto um soar devagarinho,
e disse estas palavras tais:
—É alguém que me bate à porta de mansinho;
há de ser isso e nada mais.
(SÁ, 2015, p. 47).

VII

Abro a janela, e de repente,
vejo tumultuosamente
Um nobre corvo entrar, digno de antigos dias.
Não despendeu em cortesias
um minuto, um instante. Tinha o aspecto
de um lord ou de uma lady. E pronto e reto
movendo no ar as suas negras alas,
Acima voa dos portais,
trepado, no alto da porta, em um busto de Palas;
trepado fica, e nada mais.
(SÁ, 2015, p. 48).

XVIII

E o corvo aí fica; ei-lo trepado
no branco mármore lavrado
da antiga Palas; ei-lo imutável, ferrenho.
Parece, ao ver-lhe o duro cenho,
um demônio sonhando. A luz caída
do lampião sobre a ave aborrecida
no chão espraia a triste sombra; e, fora

daquelas linhas funerais
 que flutuam no chão, a minha alma que chora
 não sai mais, nunca, nunca mais!
 (SÁ, 2015, p. 51).

Vemos que o poema traz nitidamente elementos constitutivos de uma narrativa, como enredo, personagens, espaço, tempo e narrador, daí ser considerado um “poema-narrativo”, cujo efeito acaba sendo o de um conto em versos. Por essa razão, podemos nos referir à elaboração do sentido do poema a partir de categorias narrativas, colocando sob foco o tempo, o espaço, os personagens e o enredo. Assim, no poema, reconhece-se que o tempo de ação é contínuo, cronológico, tendo início com a marcação “Em certo dia, à hora/à hora da meia-noite que apavora”, em que a caracterização do tempo é imediatamente relacionada ao sentimento do medo reforçado pela alusão à simbólica marcação temporal da “meia-noite”, espaço integrado a diferentes ritos de passagem. Lembremos do que disse Ronecker sobre a relação entre a imagem do “corvo” e o prenúncio da “morte”. Por essa razão, o tempo do medo que inaugura o poema já lhe confere um caráter sombrio (afinal, é meia-noite) e funesto (pela simbologia do pássaro em questão).

O espaço, intimista, é o quarto do eu-lírico, que, em primeira pessoa, narrará a própria história. O eu-lírico é, assim, um narrador-personagem, cuja abordagem solipsista só nos permite ver o espaço lírico-simbólico no qual ele está inserido a partir de suas emoções próprias íntimas e das associações que faz, construindo, inclusive, um diálogo hipotético com o suspense, o medo e o intangível. E o corvo se revelará como personagem antagonista, cujo aspecto ambíguo de “um lord ou uma lady” revela o impacto que o encontro do eu-lírico/narrador-personagem com sua figura provocará. O corvo, personificado, porque, além de nomeado (“Nunca Mais”), aparece associado a signos como “nobreza” e “(des)cortesia”, é uma figura ao mesmo tempo enigmática e simbólica. Enigmática, porque se mantém em silêncio. Simbólica, porque carrega em suas penas toda a simbologia a que anteriormente nos referimos.

No “enredo” trazido pelo poema, o eu-lírico/narrador-personagem descreve que estava sonolento após a leitura de alfarrábios – que, sugestivamente, são descritos como “uma velha doutrina, agora morta” –, quando é despertado por um som. A princípio julga ser alguém à porta, mas, ao chegar lá, constata que não há ninguém. Depois, acredita ser o vento “Obra do vento e nada mais” (estrofe VI), mas, quando enfim abre a janela (estrofe VII), um corvo adentra sua casa e pousa sobre o busto de Palas Atena que, como sabemos, é, ela própria, símbolo de sabedoria e justiça. A “invasão” da

figura sombria mexerá com as emoções já transtornadas do eu-lírico/narrador-personagem.

O estado de espírito ou o estado psicológico do eu-lírico/narrador-personagem no contexto do que será vivido foi bem sublinhado na estrofe II, quando o protagonista confessa vivenciar o luto por sua amada, Lenora. Assim, psicologicamente, o imaginário do protagonista está direcionado para a experiência da morte. Logo, a chegada do corvo reforçará, simbolicamente, uma predisposição psicológica para o sofrimento e para a conexão com a morte. Pousado, entretanto, no “branco mármore”, o busto de Palas, o corvo pode, sugestivamente, nos levar a pensar em um encontro que trará verdades para o protagonista, que, por sua vez, tentará manter um diálogo com o visitante.

O suposto “diálogo” com a ave, que, ao ouvir a pergunta do eu-lírico/personagem-narrador “Como te chamas tu na grande noite umbrosa?” (estrofe VIII) se nomeia “Nunca Mais”, se fará um exercício de autoquestionamento de um eu atônito diante de uma ave sombria cuja única resposta às suas perguntas será “Nunca Mais”. Em *Poemas e ensaios*, o próprio Allan Poe analisa trechos do poema “O corvo”, atentando-se a esse diálogo do sujeito-lírico-narrativo e a ave:

O Corvo, interrogado, responde com seu costumeiro “Nunca mais”, frase que logo encontra eco no coração melancólico do estudante, que, dando expressão, em voz alta, a certos pensamentos sugeridos pelo momento, é de novo surpreendido pela repetição do “Nunca mais” do Corvo (POE, 1999, p. 7).

Observemos que Poe se refere ao eu-lírico como “estudante”, atribuindo-lhe melancolia ao coração. Há, então, uma consonância com a realidade subjetiva do eu-lírico/narrador-personagem (o “estudante” nomeado por Poe em seu ensaio) e a simbologia visivelmente negativa do corvo, a quem são atribuídas descrições como: “Um nobre corvo entrar, digno de antigos dias” (estrofe VII); “ave feia e escura,/Naquela rígida postura” (estrofe VIII); “Uma ave negra, friamente posta/N’um busto, acima dos portais” (estrofe IX); “o corvo solitário/ Não teve outro vocabulário,/Como se essa palavra escassa que ali disse/Toda a sua alma resumisse” (estrofe X); “Que dos seus cantos usuais/ Só lhe ficou, na amarga e última cantiga,/Esse estribilho: ‘Nunca mais’” (estrofe XI); “corvo magro e rudo” e “lúgubre chimera” (estrofe XII); “Profeta, ou o que quer que sejas!/Ave ou demônio que negrejas!/Profeta sempre, escuta: Ou venhas tu do inferno/Onde reside o mal eterno,/Ou simplesmente naufrago escapado” (estrofe XV); “ei-lo imutável, ferrenho./Parece, ao ver-lhe o duro

cenho,/um demônio sonhando” (estrofe XVIII). Ou seja, o corvo é claramente remetido para o campo das sombras, da profecia, da morte, da frialdade e da desesperança, em contraste com o próprio busto onde pousara e do qual não mais sairia. Continuando, entretanto, sua reflexão, Poe nos diz que:

O estudante adivinha então a real causa do acontecimento, mas é impelido, como já explanei, pela sede humana de autotortura e, em parte, pela superstição, a propor questões tais à ave que só lhe trarão, ao amante, o máximo da volúpia da tristeza, graças à esperada frase “Nunca mais” (POE, 1999, p. 7).

Ora, o que o próprio Poe reconhece, na natureza “humana” desse “estudante” (para nós, o eu-lírico/narrador-personagem) é uma compulsão pela “autotortura”, pela “superstição” e pela “volúpia da tristeza”, o que, psicologicamente, desenha um retrato masoquista, preenchido pelo desejo repetido de ouvir o “Nunca Mais” que nega a possibilidade do refazimento do amor, da esperança, da vida. O “corvo”, nesse sentido, é uma imagem que corrobora o desejo masoquista com a repetição de um profético, mas maldito, “Nunca Mais”. Curiosamente, por fim, o simbolismo do corvo de Poe parece resgatar um valor não usual, tal como apontou Ronecker ao se referir à recepção da imagem do corvo na cultura celta: a de “profeta”. Um profeta, contudo, como afirmamos aqui, à luz do próprio Poe, que alimenta autotortura humana. O corvo assim, espelha a turbulência e o nihilismo da alma angustiado do sujeito para quem o animal, inicialmente, era o outro invasor, mas que, ao fim e ao cabo, é a própria projeção da psicologia de um sujeito aniquilado que se abraça à dor como forma de trazer a morte para a vida.

As três estrofes, aqui integralmente citadas, definem, portanto, momentos marcantes de um poema-narrativo que parte de uma pulsão (estrofe I) pelo encontro com a morte travestida na imagem do corvo (estrofe VII), que, embora repita “Nunca Mais”, assinalando as impossibilidades que manterão o eu-lírico/narrador-personagem preso à volúpia da tristeza”, fica definitivamente ou “Para Sempre” pousado na consciência do ser (estrofe XVIII).

Vejam, agora, o que se passa com “O morcego”.

“O morcego”

O poeta “cientificista” Augusto (de Carvalho Rodrigues) dos Anjos (1884-1914), nasceu e foi criado à sombra de um regime rural patriarcal. Os

seus descendentes eram antigos senhores de terras, proprietários de engenhos na Paraíba. Ele orbitou por diversas escolas literárias, o que gerou certa confusão quanto ao seu lugar na Literatura Brasileira. A confusão se deu pela diversidade de temas presentes em sua única obra, *Eu*⁴ (1912) e pela estética singularíssima do poeta. Em *Eu* há espiritualismo, materialismo, hermetismo, psicologismo, filosofismo, cientificismo e tantos outros “ismos” que inquietam críticos até hoje. Otto Maria Carpeaux, por exemplo, elogiou a estética neoparnasianista e simbolista de Augusto dos Anjos (CAPRPEAUX, 1968, p. 20). Já Carlos Heitor Cony, em um artigo a *Folha de São Paulo*⁵, o equiparou a Olavo Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira, por seu culto à forma e por seu rigor métrico. O título de pré-modernista resultou, por fim, conveniente, considerando a época e a diversidade de rupturas que seu lirismo logrou alcançar, deixando uma herança até hoje retomada por outros poetas.

Ferreira Gullar, por sua vez, ao examinar a estética augustiniana, aponta fatos que foram determinantes na composição de sua obra. Um deles foi a morte de seu pai, dr. Alexandre Rodrigues dos Anjos, seguida da morte de seu irmão, tio, portanto, do poeta. Foi nesse ambiente de luto que Dos Anjos cresceu. A essa realidade somam-se o declínio da classe latifundiária do Nordeste e as tantas transformações econômicas, sociais e políticas nas décadas finais do século XIX: a abolição da escravatura, a proclamação da República, o desmoronamento do seu mundo pré-industrial, a miséria física e social das famílias falidas, dos caboclos e negros famintos (2016, p. 15-16).

Outro fator definidor, segundo Gullar, foi o bacharelado de Direito no Recife, em que o jovem bardo paraibano teve contato com as leituras científicas de Comte, Haeckel, Darwin, Spencer, etc, além da filosofia schopenhaueriana: “seu idealismo voluntarista que nega o progresso histórico, afirma que a essência do mundo é uma vontade cega e apresenta como única perspectiva para o homem, condenado ao sofrimento, o aniquilamento da vontade de viver” (GULLAR, 2016, p. 17).

Essas leituras marcaram sua visão de mundo, no entanto, sua poesia, segundo Gullar, expressava também, no plano estético, traços parnasianos e simbolistas, as duas maiores tendências na poesia brasileira da época.

Do parnasianismo, Augusto herdou, sobretudo, o verso conciso, o ritmo tenso e a tendência ao prosaico e ao filosofante; do simbolismo, além do gosto por palavras-símbolo com maiúscula, o recurso da

4- Postumamente “outras poesias” forma inseridas.

5- Na edição de 070/9/2012.

aliteração e certos valores fonéticos e melódicos (GULLAR, 2016, p. 21).

Interessantes considerações sobre Augusto dos Anjos e sua poesia também são feitas por Alexei Bueno (2007), que a ele se refere como talvez o mais expressivo representante do epíteto “poeta da morte”, além de destacar a dimensão popular de sua poesia, inúmeras vezes reeditada, ainda que seu lançamento, em 1912, tenha causado “grande escândalo e controvérsia” (Ibidem, p. 191). Bueno aponta ainda a capacidade de Dos Anjos de realizar, em sua poesia, uma “elaborada metafísica da Natureza” (Ibidem, p. 121). Sinteticamente, sobre o pessimismo em Dos Anjos, Bueno comenta:

Esse caráter pessimista da poesia de Augusto dos Anjos quanto ao pretenso poder da ciência contra o mistério do universo, essa falta de crença na eficácia de todo o esforço humano, é uma das suas características que mais o aproximam de nós, exilados há muito do ingênuo ufanismo cientificista do século retrasado (BUENO, 2007, p. 245).

Por tudo isso, e ainda retomando Bueno, “Augusto dos Anjos é o poeta do fracasso do enfrentamento do mistério, da impotência perante o incognoscível, /.../ e a morte comparece /.../ como a mais absoluta e definitiva forma de impotência” (Ibidem, p. 246).

Com esse breve registro crítico, voltamo-nos, agora, ao recorte proposto por esta abordagem, trazendo o foco para o poema “O morcego”, que apresentamos, a seguir, na íntegra:

Meia-noite. Ao meu quarto me recolho.
 Meu Deus! E este morcego! E, agora, vede:
 Na bruta ardência orgânica da sede,
 Morde-me a goela ígneo e escaldante molho.

“Vou mandar levantar outra parede...”
 — Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho
 E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho,
 Circularmente sobre a minha rede!

Pego de um pau. Esforços faço. Chego
 A tocá-lo. Minh'alma se concentra.
 Que ventre produziu tão feio parto?!

A Consciência Humana é este morcego!
 Por mais que a gente faça, à noite, ele entra
 Imperceptivelmente em nosso quarto!
 (ANJOS, 2001, p. 16).

No soneto de Augusto dos Anjos, a enunciação lírica nos traz um cenário: um quarto. É para esse espaço que o Eu-lírico se dirige: “Meia-noite. Ao meu quarto me recolho”. Tal como no poema de Poe, a hora apontada é meia-noite e o espaço em questão é o quarto do eu-lírico. Estamos, pois, diante de um novo encontro eu-outro, em que esse eu é humano e o outro, um animal carregado de simbologia sombria. O título do poema, tal como em “O corvo”, já nos remete para o campo semântico do medo, da morte, da bruxaria, tal como vimos na primeira seção.

Já no segundo verso do poema, o eu-lírico revela a presença do mamífero alado em seu quarto. A interjeição “Meu Deus!” atesta o espanto e o incômodo trazidos por essa presença, o que, imediatamente elabora um envoltório negativo para essa imagem, que se amplia com a violência dos versos seguintes: “Na bruta ardência orgânica da sede/Morde-me a goela ígneo e escaldante molho”. Se o corvo no poema de Poe configurou-se como uma presença igualmente incômoda e espantosa, no poema de Anjos, estabeleceu-se uma ação mais contundentemente invasiva. O morcego entra no quarto e atua, mordendo o pescoço do eu-lírico. Ainda no âmbito da comparação, se o eu-lírico/narrador-personagem de “O corvo” busca interação por meio do diálogo, sem qualquer contato além do visual e do sonoro, aqui o contato é físico. A primeira reação é pacífica: “Vou mandar levantar outra parede...”, mas o fato de o morcego, como um “olho”, permanecer no teto do quarto motiva o eu-lírico a uma reação também violenta: “Pego de um pau. Esforços faço. Chego/A tocá-lo. Minh'alma se concentra”. Nesse aspecto, na relação com o poema de Poe, se há a semelhança no fato de tanto o corvo como o morcego permanecerem no espaço anteriormente restrito ao eu-lírico, no poema de Anjos, o eu reage física e violentamente a essa permanência, enquanto, no poema de Poe, o eu-lírico/narrador-personagem, mergulhado numa poltrona de veludo, procura entender o significado daquela presença resumida na repetição de “Nunca Mais” para diferentes provocações verbais por parte desse eu. Cada poema, portanto, apresenta uma relação distintas

entre eu e outro, ainda que, estruturalmente, a configuração de uma dupla de personagens seja bastante semelhante.

No poema de Anjos, a descrição negativa do morcego – bastante familiar, aliás, em nosso contexto cultural – extrapola, entretanto, o caráter descritivo. Faz-se, afinal, uma pergunta. E a resposta que surge, na última estrofe, é bastante significativa, pois o “ventre que produziu tão feio parto?” é a “Consciência Humana”. Assim, especificamente na última estrofe, ocorrerá uma transformação na simbologia inicial do morcego – aquela que o título nos induz a imaginar – e o morcego se torna símbolo da Consciência Humana, que, em letras maiúsculas, passa mesmo a nomeá-lo. Se, nas estrofes anteriores, a enunciação ancora mimeticamente o discurso lírico no mundo físico: quarto, morcego, mordida, sangue, ferro, teto, rede, na última estrofe, o texto penetra no valor abstrato dessa experiência inusitada e deixa a narratividade para assumir uma voz argumentativa.

O quarto, na narrativa implícita que o poema de Anjos também contém até o final da terceira estrofe, faz-se, assim, na última, um lugar de reflexão e de constatação sobre a natureza humana. Ali se tira “o véu” do morcego, até então apenas um bicho repulsivo, para que se possa, a partir dele, revisitar outros símbolos presentes no cenário: a noite, o olho e a parede, que acabam nos conduzindo ao espaço da mente humana. O décimo verso: “A tocá-lo. Minh’alma se concentra” sugere que esse toque teria sido o estopim para a percepção de outro a partir de si mesmo. O morcego fica despido das simbologias culturais para se fazer espelho. Um espelho implacável e permanente.

A constatação final de que a presença desse morcego é inexorável – “Por mais que a gente faça,/à noite, ele entra/Imperceptivelmente em nosso quarto!” – pode ser signo o encontro desse eu com sua própria loucura, já que nada se pode fazer para eliminar a presença sombria, porque noturna, de um morcego chamado Consciência Humana. A consciência humana, em um entendimento possível, aparta-se espacialmente do eu, para confrontá-lo ou para impactá-lo por meio de uma presença que lhe suga o sangue e o aterroriza. E, se no poema de Poe, o eu pergunta ao corvo “Dize-me: existe acaso um balsamo no mundo?”, ao que o corvo responde “Nunca mais” (estrofe XV), no poema de Anjos, é o próprio eu quem constata a incapacidade humana de evitar ou expulsar a visita de sua consciência.

Convergências e distinções entre “O corvo” e “O morcego”: algumas conclusões

Concluímos nossa abordagem refletindo sobre convergências e distinções entre os dois poemas. Em primeiro lugar, ressaltamos que, nos dois casos, apresentam-se sujeitos lírico-narrativos que são levados a uma interação obrigatória com um “outro” representado por um animal culturalmente relacionado à dimensão sombria da noite e da morte. Se, em “O corvo”, o eu-lírico/narrador-personagem dialoga com o corvo, acreditando estar diante de um emissário do além, em “O morcego”, a criatura horrenda que invade o quarto do eu-lírico e lhe suga o sangue, mordendo-lhe a goela, se revelará parte inseparável da própria condição humana.

Outro ponto em comum se relaciona à marcação temporal. O poema “O corvo” traz *a priori* em sua enunciação lírica, o tempo como fator relevante para a narrativa que se apresentará: “da meia-noite que apavora”. A hora apontada nessa manifestação lírica traz consigo um apanhado de mitos, lendas e superstições. Em muitas estórias é à meia-noite que o mal se revela, é quando ocorrem invocações místicas e outros tantos rituais. O soar “tímido” que despertou o eu-lírico/narrador-personagem do seu sono repetese de maneira progressiva. Faz-nos lembrar as batidas na consciência do personagem do conto “O Coração Delator” (*Tell Tale Heart*, 1843). O corvo quando adentra e pousa sobre o busto de mármore da deusa traz-nos a alusão da coruja, símbolo de sabedoria e inteligência. No entanto, a ave perverte o sentido original, pois é sinal de mau agouro. Ela profetiza a manutenção do estado de morbidez próprio de quem se entregou à morte em vida.

O poema “O morcego”, por sua vez, faz uso da mesma marcação temporal, o que poderia indicar a intertextualidade, também sugerida pela repetição do par de personagem “homem-animal”. A meia-noite trará, no entanto, para esse eu a revelação que transforma a simbologia do morcego, que deixa de ser apenas a criatura repulsiva, o animal notívago, que se alimenta de sangue, para ser parte da própria natureza humana, a Consciência, que ganha vida própria e se faz perseguidora implacável, quando, à noite, desembaraçados das atribuições corriqueiras, nos defrontamos com a visita do espelho de nossas imperfeições.

Pode-se também perceber que a feição argumentativa da última estrofe do poema de Anjos projeta essa relação dual eu-outro em um plano mais abrangente. Não só o eu do poema, mas todos nós estamos sujeitos à visita do morcego. Todos seremos reféns e vítimas do morcego Consciência Humana que, inexoravelmente, sugará o sangue de nossas goelas. Já no poema

de Poe, a perspectiva psicológica é mais individual, ainda que a problemática relação do ser humano com a perda e a morte possa ser, obviamente, discutida a partir do poema. O corvo que pousa no busto de Palas Atena também aponta para uma situação inexorável: aquela que é trazida pela morte.

No campo das distinções, podemos destacar o tratamento simbólico dado a cada animal. Em Poe, a tradição simbólica do corvo é ratificada. Em Anjos, a simbologia do morcego é reinventada. Assim, o impacto de cada título terá destino diferente. No poema de Poe, o corvo é sombrio, ligado à morte e ao inferno e tem caráter profético. No poema de Anjos, o morcego inicial é mais concreto, é o bicho em si, que, por sua aparência provoca medo e repugnância. O ataque ao morcego é uma reação a esse medo concreto que, de forma semelhante, nos faz tentar espantar ou mesmo matar uma barata ou um rato. No entanto, o leve toque traz a revelação, a epifania que reveste o morcego de novo simbolismo.

A cena íntima presente nos dois poemas possibilitam uma leitura psicológica, em que a própria mente humana estaria representada. Tal como Ronecker apontou e conforme destacamos na primeira seção, o simbolismo animal reflete não só a visão que o ser humano tem dos animais, mas, talvez, principalmente, a visão que tem de si mesmo. Logo, seja no corvo pousado, à meia noite, no busto de mármore branco de Palas Atena; seja no morcego, que, como um olho, está no teto de nosso quarto a nos espreitar à noite, vivenciar o simbolismo animal é um convite ao autoconhecimento. E quando esse convite tem as letras da poesia, a experiência do voo é única.

Referências

- ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2001.
- BUENO, Alexei. **Uma história da poesia brasileira**. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2007.
- CARPEAUX, Otto Maria. **Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1968.
- CONY, Carlos Heitor. **“Eu” - O monossílabo que fala**. Academia.org.br, 2012. Disponível em: < <https://www.academia.org.br/artigos/eu-o-monossilabo-que-fala>> Acesso em: 17, Outubro de 2020.
- FISHER, Benjamin Franklin. Poe and the Gothic Tradition. In: HAYES, Kevin J. (Ed.) **The Cambridge Companion to Edgar Allan Poe**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

- GULLAR, Ferreira. Augusto dos Anjos ou Vida e morte nordestina. In: DOS ANJOS, Augusto. **Toda poesia de Augusto dos Anjos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.
- MALLON, Brenda. **Os símbolos místicos**. Trad. Eddie Van Feu, São Paulo: Larousse, 2009.
- POE, Edgar Allan. **O Corvo multilíngue**. Organização: Daniel Serravalle de Sá. Florianópolis: DLLE/CCE/UFSC, 2015.
- POE, Edgar Allan. **Poemas e Ensaios**. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. São Paulo: Globo, 1999. 3. ed. revista.
- RAMALHO, Christina. A Arca de Noé: o bestiário de Vinicius de Moraes. In: CYNTRÃO, Sylvia (Org.). **O verso vivo de Vinicius de Moraes**. Olhares sobre o mais amado. Brasília: UnB/TEL, 2013. p. 51-61.
- RONECKER, Jean-Paul. **O simbolismo animal**. Mitos, crenças, lendas, arquétipos, folclore, imaginário... Trad. Beôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1997.
- TRESIDDER, Jack. **O grande livro dos símbolos**. Trad. Ricardo Inojosa. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- VAN WOENSEL, Maurice. **Simbolismo animal na Idade Média. Os Bestiários**. João Pessoa: Editora Universitária, 2001.
- O'CONNELL, Mark; AIREY, Raje. **Almanaque ilustrado dos símbolos**. Trad. Débora Ginza. São Paulo: Editora Escala, 2011.